

2

O milagre da repetição

« que le champ freudien n'est pas représentable comme une surface close. *L'ouverture de la psychanalyse n'est pas l'effet du libéralisme, de la fantaisie, voire de l'aveuglement de celui qui s'est institué à la place de son gardien. Si, de n'être pas situé en son intérieur, on n'est pas rejeté pour autant dans son extérieur, c'est qu'en un certain point, exclu d'une topologie restreinte à deux dimensions, ils se rejoignent, et la périphérie traverse la circonscription.* »

Jacques-Alain Miller, *Suture* (éléments de la logique du signifiant)

“A cabeça é o órgão das trocas, mas o coração é o órgão amoroso da repetição.”
Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*

Freud, em ensaio intitulado *O Estranho (Das Unheimliche)*, de 1919, sentiu a necessidade, enquanto psicanalista, de justificar-se sobre a escolha do tema: “Mas acontece ocasionalmente que ele (*o psicanalista*) tem de interessar-se por algum ramo particular daquele assunto (*a estética*); e esse ramo geralmente revela-se um campo bastante remoto, negligenciado na literatura especializada da estética.”¹

Não creio que o estranho permaneça um ramo negligenciado da estética, não desde o estabelecimento da Psicanálise. Pouco antes da publicação de *O Estranho*, o formalista russo Viktor Chklovski, no ensaio *A arte como procedimento*, de 1917, já distinguia o estranhamento como procedimento da arte por excelência, ao dificultar o reconhecimento e proporcionar uma visão. Chklovski foi retomado por Brecht, em seu ensaio sobre o teatro clássico chinês, de 1935, em que reconhece no estranhamento um modo de tratar a ficção como fato empírico mas numa perspectiva que implica um novo grupo de normas. E em 1970, Tzvetan Todorov chegou a identificar o estranho como um gênero literário, em *Introdução à Literatura Fantástica*.

· Este capítulo da dissertação foi publicado, com algumas diferenças, na revista *Anuário de Literatura*, da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), vol. 16, n.1, em 2011-02-07, sob o título de “Estudos do Estranho: o fator da repetição”. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/index>>.

¹ FREUD, S. “O Estranho”. In: *História de uma neurose infantil*. E.S.B., Vol. XVII, p. 275.

Na tentativa de compreender a estética do estranho a partir do ensaio de Freud, que à primeira vista aponta para diversas direções, um conceito veio a se destacar e pedir atenção: a repetição. E justamente isso se deu pela via como atua a repetição: sub-repticiamente, até que o seu conteúdo adentra a consciência – quando somos capazes de identificar o que se repete. Identifiquei que aquilo que se repetia era a própria idéia da repetição. Fiz a releitura de *O Estranho* sob este viés. Eis que surgiu outro texto. Na própria definição do estranho estava lá contida a idéia da repetição: “algo reprimido que *retorna*”². Antes onde eu havia enxergado o reprimido encontrava o retorno – apesar de o itálico nessa definição ser de Freud. Se minhas preocupações haviam se dirigido, em um primeiro momento, para os tipos de recalque que poderiam originar diferentes expressões estéticas, agora eu focava naquilo que unia o recalque sob a forma do estranho: seu retorno estético. Ao repetir minha leitura do texto, fiz uma nova leitura do texto.

A própria idéia de retorno, no contexto da psiquê, já implicaria em algo reprimido. Luiz Alfredo Garcia-Roza faz a mesma leitura do texto de Freud quando observa que “só há *Unheimlich* se houver repetição. O estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como diferente”³. A repetição não deve ser entendida como reprodução, mas sim como um retorno do diferente/ novo – um paradoxo em termos, assim como o estranho familiar. E todavia, as citações explícitas à repetição no texto de Freud sobre o estranho levam por outros caminhos do entendimento, num sentido mais estrito do conceito.

“O fator da repetição da mesma coisa não apelará, talvez, para todos como fonte de uma sensação estranha. Daquilo que tenho observado, esse fenômeno, sujeito a determinadas condições e combinado a determinadas circunstâncias, provoca indubitavelmente uma sensação estranha, que, além do mais, evoca a sensação de desamparo experimentada em alguns estados oníricos.”⁴

Se vemos no retorno uma chave para a compreensão do estranho, e o retorno fundamentalmente como repetição de algo, então já não poderemos dizer que “o fator da repetição da mesma coisa não apelará, talvez, para todos como fonte de

² Ibidem, p. 300.

³ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*, p. 24.

⁴ FREUD, S., op. cit., pp. 295-296.

uma sensação estranha”, já que toda sensação estranha poderá ser acessada sob a ótica da repetição. Não acredito que Freud ignorasse essa perspectiva, pelo contrário, mas talvez ainda não estivesse em posição de poder enfatizá-la, já que apenas no ano seguinte, publicaria *Além do princípio do prazer*, de 1920, onde desenvolve a hipótese de uma “compulsão à repetição”, apesar de já mencioná-la em *O Estranho*. Com este ensaio, gostaria de particularizar esse aspecto do problema em torno da (in)definição do estranho, iniciando com uma releitura de *O Estranho* sob a luz do *Além do princípio do prazer*, dois textos escritos em um mesmo curto período de tempo, que parecem, à primeira vista, tocar-se apenas tangencialmente – quase como se, ingênua e comicamente, um Freud não tivesse consciência do que o outro Freud escrevia. Revelam-se textos irmãos que, separados no nascimento, ignoram seu ventre único. Estranho, não?

2.1. O estranho além do princípio do prazer

Em suas referências explícitas ao “fator da repetição” no estranho, Freud, primeiramente, identifica-o com o “retorno involuntário da mesma situação”, referindo-se ao retorno físico a um mesmo local, como seria o caso de alguém perdido em uma floresta e que, sem norte, andasse em círculos. No romance *O Duplo*, de Dostoiévski, uma cena descreve perfeitamente o “retorno involuntário da mesma situação” a suscitar o estranho: a carruagem do herói Goliádkin retorna, por um engano, de onde houvera saído instantes antes, apenas evocando a sensação psicológica que isto causaria ao personagem, que acabara de ser humilhado e por isso partira. Em outra oportunidade, quando escrevi uma monografia para disciplina do mestrado, eu havia dado uma interpretação mais generalista da cena:

“um movimento da narrativa que constrói expectativas e desconcerta o leitor com imprevistos – cujo estranhamento é quase impossível vislumbrar sem a inserção na própria narrativa, sem que se esteja lendo Dostoiévski, pois não é explícito, não se dá em palavras mas em imagens.”⁵

De fato, a sensação de retorno se dá por meio do movimento narrativo, que

⁵ MARTINS, Julia Teitelroit. *A Família do Estranho*, p. 9.

não é explícito, acontece sem ser dito e, assim, o leitor “percorre” a repetição; sente, em ressonância com o personagem, o gosto da repetição – o retorno que se verifica aqui é tanto do personagem quanto do leitor, daí sua estranha eficácia. Mas eu, em minha leitura anterior, sequer havia identificado o “fator da repetição” da cena como importante, apenas o fator de sua imprevisibilidade. E o que era imprevisível? Uma repetição. O estranho retorno, de fato, é imprevisível porque retorno. A repetição e o acaso não são dois fatores de uma mesma equação, são um mesmo fator. “*Unheimlich* é o nome de tudo que deveria ter permanecido... secreto e oculto mas veio à luz.” (Schelling *apud* Freud) Se “deveria ter permanecido secreto”, é porque seu retorno é involuntário, inesperado, e, até mesmo, indesejado. No estranho, está previsto o retorno tanto quanto está previsto o acaso. Continuando com as citações declaradas de Freud ao “fator da repetição” em *O Estranho*:

“...é fácil verificar que também é apenas esse fator de **repetição involuntária** que cerca o que, de outra forma, seria bastante inocente, de uma atmosfera estranha, e que nos impõe a idéia de algo fatídico e inescapável, quando, em caso contrário, teríamos apenas falado de ‘sorte’.”⁶

A repetição, nesse caso, torna-se sinônimo de coincidência, e pode vir a despertar a suspeita de um “**significado secreto**” – uma mensagem comunicada ao homem supersticioso e que, no fim das contas, remete à concepção de destino, aliada de Deus; por exemplo, à recorrência de um número, poderia ser atribuído um sinal do tempo que faltasse para a morte. Nem todos os homens permanecem supersticiosos, ou sua superstição variará em grau e, por isso, Freud faz a ressalva de que “o fator da repetição da mesma coisa não apelará, talvez, para todos como fonte de uma sensação estranha”. No entanto, na leitura deste ensaio, sim apelará, pois toma-se o conceito em sentido mais abrangente e menos óbvio.

No sentido estrito do conceito com que Freud trabalha, ao menos explicitamente, a repetição é apenas um dos fatores que pode vir a suscitar o estranho. O efeito da repetição dependeria da predisposição individual. Pode-se argumentar até que é dessa predisposição de que depende a aparição e a continuidade de uma repetição: milhares de coisas estão sempre a se repetir mas, por um motivo ou outro, algumas repetições irão tornar-se conscientes, destacar-

⁶ FREUD, S., op. cit., p. 296.

se dentre outras possíveis – em última instância, irão ‘repetir-se’. A repetição de fato não ocorre, ou poderia ocorrer sempre. Estaríamos falando aqui da percepção de repetição; o que se repete é uma percepção, em função do grau de predisposição supersticiosa.

“Desde o capítulo sobre a superstição, presente em *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud afirma sua semelhança com um homem supersticioso. Este procura encontrar em tudo uma intenção: é aí que eles se assemelham. Porém, distinguem-se na medida em que o supersticioso atribui a intenção a forças externas, enquanto Freud a atribui a forças internas.”⁷

A repetição em sentido estrito demonstra-se, talvez, um caso aparte: não é o retorno de um complexo infantil reprimido e não é exatamente a ocorrência de algo que pareça re-confirmar crenças primitivas superadas – mas cerca de mistério um acontecimento que, em outro caso, não traria a mesma aura. Para exemplificar essa segunda categoria, de retorno das crenças primitivas, outro tipo de coincidência, não de cunho repetitivo, mas de caráter sucessivo, é citado por Freud: quando se deseja por algo e esse algo se realiza – tomando os exemplos citados por Freud (o desejo da morte de um outro e o mau-olhado), o princípio da “onipotência dos pensamentos” apenas produziria a sensação estranha se associada a sentimentos negativos ou mal-resolvidos (desagradáveis, como bom adjetivo para acompanhar o estranho). Não obstante, a repetição em seu sentido estrito parece ter o mesmo efeito de uma ocorrência desse tipo: “o retorno da estrutura primitiva do ego e sua característica inclusiva”, o retorno de uma concepção animista do universo – na medida em que se confie na possibilidade de o ‘universo’ emitir sinais, o “eu” confunde-se com o universo. Operaria-se, sob esse foco, um retorno à fase narcísica primária.

“O modo com que exatamente podemos atribuir à psicologia infantil o estranho efeito de semelhantes ocorrências, é uma questão que posso tocar apenas tangencialmente nestas páginas; e devo referir ao leitor um outro trabalho, já concluído, no qual o problema foi colocado em detalhes, mas numa relação diferente. (*Freud refere-se ao “Além do princípio do prazer”*) Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma **‘compulsão à repetição’**, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu **caráter demoníaco**, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; (...) Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o

⁷ SANTOS, Lúcia Grossi dos. *O conceito de repetição em Freud*, p. 121.

que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho.”⁸

O estranho não seria apenas, e talvez não principalmente, nessas ocasiões, efeito da predisposição supersticiosa à repetição, trazendo novamente à tona uma concepção antiga e superada de destino. A repetição, quando ocorre, é sentida/percebida como ‘traço’ de uma compulsão primária controlada (nunca superada) e comportaria-se, então, em nosso limitado campo de estudo, como “os complexos infantis que haviam sido reprimidos (e) revivem uma vez mais por meio de alguma impressão.”⁹ E “o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho”. O caminho aberto nos leva à análise desta compulsão.

“As manifestações de uma compulsão à repetição (que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como entre os eventos do tratamento psicanalítico) apresentam em alto grau um caráter instintual e, quando atuam em oposição ao princípio do prazer, dão a aparência de alguma **força ‘demoníaca’** em ação.”¹⁰

Para a criança, o jogo da repetição, como experiência do idêntico, é fonte de prazer, mesmo em se tratando de experiências desagradáveis, como Freud exemplifica com o jogo “Fort-Da” do próprio neto, que re-encena a partida de sua mãe. O mesmo não é o caso de um paciente em análise, ou dos sonhos de trauma, em que a compulsão à repetição despreza o princípio do prazer. O princípio do prazer é um ponto de vista econômico dos eventos mentais, de acordo com o qual “o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer.”¹¹

Não se pode falar em dominância do princípio do prazer, e sim em uma tendência adiada por “certas outras forças ou circunstâncias”, que vem a ser contrariada pela compulsão à repetição: “algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais instintual que o princípio de prazer que ela domina.”¹² Tratando

⁸ FREUD, S., op. cit., pp. 297-298.

⁹ Ibidem, p. 310.

¹⁰ FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. E.S.B., Vol. XVIII, p. 46.

¹¹ Ibidem, p. 17.

¹² Ibidem, p. 34.

da transferência na clínica, Freud caracteriza a compulsão à repetição como “a manifestação do poder do reprimido”.¹³ “De um modo geral, o ‘recalcado’ procura ‘retornar ao presente’, sob a forma de sonhos, de sintomas, de atuação: ‘...o que permaneceu incompreendido retorna; como uma alma penada, não tem repouso até que seja encontrada solução e alívio.’” (Freud *apud* Laplanche & Pontalis)¹⁴ Poderíamos acrescentar que o reprimido retorna também sob a forma do estranho: exterior e estética? Pois o estranho também seria “manifestação do poder do reprimido”, de acordo com a hipótese freudiana.

Não seria o estranho uma outra modalidade de retorno do reprimido, ao lado dos sonhos, dos sintomas e da atuação, só que por meio de uma impressão? Uma **modalidade estética de retorno do reprimido**, submetida também à compulsão à repetição, própria de tudo o que emana do inconsciente. Como é o caso de Natanael, em “O Homem de Areia”, que re-encena seus complexos/ traumas infantis, tomando emprestados alguns elementos da realidade que estão presentes a cada nova crise do personagem: o Homem de Areia personificado na figura de Coppola, globos oculares fora de órbita e tudo que se assemelhe e se associe, como óculos e binóculos e também membros amputados.

Mas a que se destina a compulsão à repetição? O sujeito que se acha em situação passiva, pela repetição, tem a possibilidade de adotar uma função ativa. Nos casos de trauma, o susto (falta de preparação para a angústia) desempenha papel essencial para que o trauma institua-se enquanto trauma. E da mesma forma como as crianças, os sonhos dos pacientes sob trauma, que obedecem à compulsão à repetição, “esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo”. “...a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o.”¹⁵ No dicionário de Laplanche & Pontalis, encontramos a seguinte definição inicial para a compulsão à repetição:

“A) Ao nível da psicopatologia concreta, processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas,

¹³ Ibidem, p. 31.

¹⁴ No dicionário comentado do alemão de Freud, de autoria de Luiz Hanns, o recalcado e, portanto, o recalcado tem um sentido diverso. Por isso, optei pelo termo “reprimido”, ao invés de “recalcado”.

¹⁴ LAPLANCHE & PONTALIS. Verbetes “Compulsão à repetição”. In: *Vocabulário da Psicanálise*, p. 83.

¹⁵ FREUD, S. *Além do princípio do prazer*, op. cit., p. 46.

repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade.”¹⁶

Trata-se da repetição involuntária de um comportamento, que é repetição das mesmas experiências – Freud cita, fora do escopo da clínica, pessoas cujas relações têm sempre o mesmo resultado. Em análise, há uma relação inversamente proporcional entre o que é lembrado e o que é repetido. A lembrança é a sujeição da experiência, um distanciamento relativizador que a distingue em relação ao presente; já a repetição revive o passado no presente. A superação do trauma seria, portanto, facilitada pela construção narrativa da memória.

2.2.

O retorno enquanto acaso e uma análise de *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, sob a ótica da repetição diferencial

Garcia-Roza em seu livro *Acaso e repetição em Psicanálise*, percorre o traçado do conceito de repetição em Hegel, Kierkegaard, Nietzsche e Freud: “Se há algo que podemos considerar como sendo comum (*aos quatro*), é, em primeiro lugar, a importância que eles conferem à repetição, e, em segundo lugar, o fato de que para eles repetição não é reminiscência.”¹⁷

A repetição propriamente dita não é uma repetição natural, que se confunde com a lei, a qual Kierkegaard designa “repetição numérica” (pura reprodução de algo). A lei diz respeito à semelhança e à generalidade. A repetição é contra a lei, afirma a singularidade. A diferença é de natureza: uma é repetição-reprodução e outra é repetição diferencial, produtora do novo. “É nesse sentido que Kierkegaard afirma que é preciso entender a repetição ‘no sentido grego’, isto é, como algo que diz respeito a uma singularidade, singularidade esta que afirma a eternidade mas não a permanência.”¹⁸ A repetição diferencial é também o sentido do eterno retorno de Nietzsche. Trata-se de um exercício de liberdade: repetição enquanto “potência de interioridade”, como subjetividade. Assim, Constantino Constantius, autor-fictício de “A Repetição” (1843), de Kierkegaard, malogra em

¹⁶ LAPLANCHE & PONTALIS., op. cit., p. 83.

¹⁷ GARCIA-ROZA, L. A., op. cit., p. 28.

¹⁸ Ibidem, p. 31.

sua tentativa de repetir a magia de um acontecimento primeiro, porque busca objetivamente reproduzi-lo. Ao contrário, essa magia estaria na repetição diferencial, da ordem do acidente que desperta a potência subjetiva. Diz Deleuze, em *Diferença e Repetição*, de 1968:

“Se a repetição é possível, é por ser mais da ordem do milagre que da lei. (...) Se a repetição pode ser encontrada, mesmo na natureza, é em nome de uma potência que se afirma contra a lei, que trabalha sob as leis, talvez superior às leis. Se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos, a repetição é uma transgressão. Ela põe a lei em questão, denuncia seu caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística.”¹⁹

Após afirmar que “a lei reúne a mudança das águas à permanência do rio”, Deleuze cita as palavras do historiador da arte Elie Faure em referência ao pintor Watteau: ‘Ele colocou o que há de mais passageiro naquilo que nosso olhar encontra de mais durável, o espaço e os grandes bosques.’²⁰ Assim como Watteau, também o fez Guimarães Rosa em *A terceira margem do rio*, um conto que permite explorar melhor as últimas incursões filosóficas.

“Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se **permanecer** naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A **estranheza** dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. **Aquilo que não havia, acontecia.**”²¹

No meio do rio, uma vida passageira, mas uma figura eterna: o pai – que indo morar no rio, afastado de todos, transfigura-se no próprio rio. A estranheza provinha não da idéia um tanto inusitada de o pai mudar-se para o rio, mas de que tenha permanecido lá. O rio é uma generalidade (uma figura) em permanência, assim como o pai para o filho, impossível de ignorar em sua ausência: “Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se **despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.**”²²

¹⁹ DELEUZE, Gilles. Introdução a *Diferença e Repetição* (1968), p. 21.

²⁰ Ibidem, p. 21.

²¹ ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: *Primeiras Estórias* (1962), p. 421.

²² Ibidem, p. 422.

“O severo que era, de não entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis do meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos – sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim.”²³

Severo de não entender como alguma coisa permanece, como se nem vivesse (“sem fazer conta do se-ir do viver”) e nem morresse, resistindo a qualquer intempérie; todos os particulares condenados à permanência. O pai era exatamente como o rio: uma ausência permanente – “aquilo que não havia, acontecia”; não há rio em si, não há pai em si. O filho passou a vida tentando cuidar de alguma forma desse pai, que “precisava dele”, por mais que nunca houvesse pedido ajuda; enquanto isso, tudo, ao redor, foi aos poucos mudando:

“Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto.”²⁴

A vida do filho permanece sempre a mesma, só o “demoramento”, vivida sob a lei moral, que se sustenta da culpa de não reproduzir um “dever”. Em relação ao pai, o discurso do filho é carregado de culpa, que o paralisa: “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo.”²⁵ Rosa utiliza, por algumas vezes ao longo do conto, a repetição de palavras em seqüência, reforçando a impressão de perpetuidade – e foi exatamente essa a pista que me orientou à sua análise do ponto de vista da repetição.

“O que Kant chama de a mais alta prova, o que é senão a prova de pensamento que deve determinar o que pode ser reproduzido de direito, isto é, o que pode ser repetido sem contradição sob a forma da lei moral? O homem do dever inventou uma “prova” da repetição, determinou o que podia ser repetido do ponto de vista do direito. Ele considera, pois, ter vencido o demoníaco e o enfadonho ao mesmo tempo.”²⁶

Ele considera ter vencido a repetição, recuperando em si a “natureza” da lei. Mas neste conflito da lei moral, que não é lei de fato, conservada pela culpa,

²³ Ibidem, p. 422.

²⁴ Ibidem, p. 423.

²⁵ Ibidem, p. 423.

²⁶ DELEUZE, G., op. cit., p. 23.

irrompe a repetição “demoníaca”. Nunca o pai havia respondido às suas tentativas de contato, nunca fez nenhum aceno, ignorou a todos como se não existissem. O pai não lhes tinha afeto? Mas o filho tinha afeto ao pai. Quando já estava bastante velho, foi à beira do rio pedir para tomar o seu lugar, e finalmente recebeu um sinal:

“Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que **ele me pareceu vir: da parte do além**. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.”²⁷

Esse momento é da ordem de um milagre, e é, enfim, uma repetição, ao invés da reprodução da lei moral, “uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência.” Esse filho cuja vida seguiu o curso da vida do pai “bateu pernas” de horror diante de uma repetição, quando ficou claro que o pai cedia-lhe o seu lugar. O terror da repetição sobreveio, maior do que a culpa, maior do que a responsabilidade. A repetição corre em águas profundas, é um clique que oferece desapego ao dever. Na repetição está contida a contradição e, portanto, a recusa, no tempo de um susto; mas não na lei, nela está contida a culpa, que se arrasta. Enquanto o filho estava agindo sob a lei moral, do afeto ao pai, não esboçou reação, mesmo repetindo sua sina dia após dia. Quando deparou-se com a repetição foi que ele desesperou – não a repetição pura de seus hábitos morais, mas a repetição em comparação, a repetição simbólica, “já máscara e ainda disfarce”.

“Em suma, a repetição é simbólica na sua essência: o símbolo, o simulacro, é a letra da própria repetição. Pelo disfarce e pela ordem do símbolo, a diferença é compreendida na repetição.”²⁸

A repetição não representa uma outra coisa, ela significa algo. E porque simbólica, a repetição é também notação da diferença, e não apenas reprodução. Foi quando o pai finalmente fez sinal, rompendo o padrão de suas interações, que

²⁷ ROSA, J. G., op. cit., p.424.

²⁸ DELEUZE, G., op. cit., p. 41.

o filho pôde inferir a repetição, através da diferença. Porque a repetição, ao mesmo tempo, é quebra, é acaso, acidente, em relação a uma generalidade. A repetição afirma-se contra a lei. Susto ou milagre? O conto de Rosa deságua no estranho, com um final por onde irrompe a repetição, simbolicamente. Seria ingênuo interpretar o pai que acena como uma alma penada; mais próximo de uma alucinação, ele é antes de tudo a figura simbólica da repetição.

Entendido no campo da psicanálise como o retorno do reprimido, o estranho está intrinsecamente relacionado à norma. No acaso que burla o automatismo da lei é onde vamos encontrá-lo. Manifesta-se no estranho o caráter pulsional da repetição – curioso notar que Freud utiliza a mesma referência a ‘forças demoníacas’ ao tratar do estranho e da compulsão à repetição. Sensação de estranho e sensação de sobrenatural confundem-se e correspondem à travessia do reprimido e ao desmoronamento das defesas conscientes. Este é o sentido do retorno em Freud. E uma obra literária marcada pela estranheza se construirá com base numa poética do retorno, como *A terceira margem do rio*.